

A LITERATURA INFANTIL TOCANTINENSE: MARCAS DE AUTORIA NAS IMAGENS E NAS NARRATIVAS

Edna da Silva Ribeiro

PROIC/ITOP. Email: ednaribeiro.jung@gmail.com

Kyldes Batista Vicente

Faculde ITOP. Email: kyldesv@gmail.com

RESUMO

As correntes de discussão acerca da autoria na literatura se desenvolveram devido ao fato de que o lugar do autor no texto literário apresenta-se como elemento marcante no processo de identificação de estilo, características, aspectos de formação social da obra. Com isso, o presente trabalho é importante pelo fato de buscar-se o entendimento da formação social da obra produzida no Tocantins ou sobre o Tocantins, destinada às crianças. A partir disso, propôs-se a discutir como são estruturadas as narrativas infantis produzidas no Tocantins; quais as referências da cultura tocantinense construídas para crianças tocantinenses; qual imagem da cultura tocantinense é construída nas narrativas infantis; e se essas narrativas colaboram para que as crianças conheçam o universo tocantinense. Este texto é o resultado dessas reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: autor, literatura infantil, Tocantins.

Introdução

A literatura é a porta para variados mundos. Esses mundos nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que a literatura cria não se desfazem na última página do livro, nem na última frase da canção ou na última fala da apresentação, muito menos na última tela do hipertexto: incorporados como vivências, eles permanecem nos leitores, constituindo-se marcos da história de leitura de cada um.

A literatura dá existência ao que ficaria inomeado sem ela, mas, ao mesmo tempo que cria, também aponta para o provisório da criação. As histórias que a literatura conta não precisam ser verdadeiras e também não precisam ser inverídicas: é sempre um equívoco pedir à literatura atestado que comprove a existência do que ela afirma.

A literatura fala do que poderia ter sido. O mundo literário é o mundo do possível. O que realmente acontece é matéria da História. O compromisso da literatura, portanto, é com o mundo do possível e não com o mundo do real. Mesmo assim, a criação literária nasce de uma imaginação que tem a realidade como referência: aquilo de que ela trata tem sempre um fundo de verdade, pois “o compromisso da literatura com um *mundo possível* não abandona o projeto de fazer do presente seu ponto de partida ou de chegada”. (LAJOLO, 2001, p. 48)

Os mundos fantásticos criados pelo texto não caem do céu e nem são inspirados por anjos ou musas: o mundo criado pela literatura, por maior que seja seu simbolismo, nasce da experiência que o escritor tem de sua realidade histórica e social. O autor e o leitor, a partir da criação do primeiro (autor) e da recriação do segundo (leitor), compartilham um universo correspondente a uma síntese, intuitiva ou racional,

simbólica ou realista, do aqui e agora da leitura. Mesmo que o aqui e agora do leitor não coincida com o aqui e agora do escritor.

Um ponto controvertido, no estudo da literatura, é o que cabe ao estudo do autor. Isso pode ser verificado devido a duas grandes ideias de discussão, no campo dos estudos literários, do lugar do autor na obra literária. A primeira delas identifica o sentido da obra à intenção do autor (ideia ligada ao positivismo, ao historicismo e à filologia). A segunda, mais moderna, denuncia a pertinência da intenção do autor para determinar ou descrever a significação da obra, sua divulgação foi feita pelo estruturalismo francês, o formalismo russo e o *New Critics* americanos.

As correntes de discussão acerca da autoria na literatura se desenvolveram devido ao fato de que o lugar do autor no texto literário apresenta-se como elemento marcante no processo de identificação de estilo, características, aspectos de formação social da obra. Com isso, o presente projeto justifica-se pelo fato de buscar-se o entendimento da formação social da obra produzida no Tocantins ou sobre o Tocantins, destinada às crianças.

Assim, partiu-se das perguntas: Como são estruturadas as narrativas infantis produzidas no Tocantins? Quais as referências da cultura tocantinense construídas para crianças tocantinenses? Qual imagem da cultura tocantinense é construída nas narrativas infantis? Essas narrativas colaboram para que as crianças conheçam o universo tocantinense?

Para investigar as possíveis respostas de tais perguntas, definimos como objetivos de pesquisa: analisar livros da literatura infantil, publicados no Tocantins, sob a perspectiva do autor; indagar sobre a presença da literatura infantil publicada por autores que se intitulam tocantinenses; verificar a composição da literatura infantil publicada por autores que estão no Tocantins sob aspecto temático; e identificar as marcas de autoria nas narrativas dedicadas à criança, publicadas por autores tocantinenses.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, que consistirá na busca em livros, revistas, artigos, documentários. Segundo Gil (1999), a pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, documentos institucionais, dentre outros. Segundo Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa é uma fase que é realizada após estudos bibliográficos, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados e a metodologia aplicada.

REVISÃO DE LITERATURA

AUTOR

O conceito de autor vem sendo discutido desde antes do século XIX: a noção de “autor” medieval, “autor” construtor de glórias do Renascimento, a noção de gênio no Romantismo. No entanto, o problema da noção de autor, conforme o conhecemos na contemporaneidade, é de natureza relativamente recente, e pode configurar-se em torno das alterações epistemológicas que ocorrem no século XVIII.

Nos estudos literários e a partir de paradigmas históricos, biográficos e psicológicos, o autor é denominado autor empírico: portador de uma identidade biográfica e psicológica que pode ser identificada extratextualmente. Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1992, p. 227) apresenta um estudo sobre o conceito de autor e salienta que:

[...] preferimos as designações de *autor empírico* e de *autor textual*, de modo a ficar bem clara a ideia de que o primeiro possui existência como ser biológico e jurídico-social e de que o segundo existe no âmbito de um determinado texto literário, como uma entidade ficcional que tem a função de enunciador do texto e que só é cognoscível e caracterizável pelos leitores desse mesmo texto.

Assim, segundo Aguiar e Silva (1992, p. 228), este autor textual será entendido como o escritor. E mais: as relações de origem, anterioridade e responsabilidade direta com a obra são entendidas como fundadoras:

O autor textual [...] é o emissor que assume imediata e especificamente a responsabilidade da enunciação de um dado texto literário e que se manifesta sob a forma e a função de um eu oculta ou explicitamente presente e actuante no enunciado, isto é, no próprio texto literário.

Entidade de ampla projeção, o termo autor está envolvido com problemas exteriores à teoria narrativa e ligados à problemática da criação literária e das funções sociais da literatura. Reis e Lopes (2002), ao apresentarem o conceito de autor no *Dicionário de Narratologia*, vão buscar em Barthes as considerações iniciais acerca do termo. De acordo com os autores, Barthes apresentará a distinção entre escritor e escrevente: o primeiro seria aquele que trabalha a palavra; o segundo seria o que utiliza a palavra como meio.

O mesmo Roland Barthes, no texto *Introdução à análise estrutural da narrativa*, apresenta uma discussão acerca do autor com um questionamento:

Quem é o doador da narrativa? Três concepções parecem até aqui ter sido anunciadas. A primeira considera que a narrativa é emitida por uma pessoa (no sentido plenamente psicológico do termo); esta pessoa tem um nome, é o autor, em que trocam sem interrupção a “personalidade” e a arte de um indivíduo perfeitamente identificado, que toma periodicamente a pena para escrever uma história: a narrativa (notadamente um romance) não é então mais que a expressão de um eu que lhe é exterior. A segunda concepção faz do narrador uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal, que emite a história do ponto de vista superior, o de Deus: o narrador é ao mesmo tempo interior a seus personagens (pois sabe tudo o que neles se passa) e exterior (pois não se identifica mais com um que com outro). A terceira

concepção, a mais recente (Henry James, Sartre), preconiza que o narrador de limitar sua narrativa aos que podem observar ou saber os personagens: tudo se passa como se cada personagem fosse um de cada vez o emissor da narrativa. (BARTHES et. al., 2008, p. 49-50)

Essas três dimensões parecem, para Barthes, constrangedoras porque atribuem ao narrador e às personagens o papel de autor. Para ele, o autor de uma narrativa é um ser material e não pode ser confundido com o seu narrador. No entanto, é importante salientar que:

[...] os signos do narrador são imanentes à narrativa e, por conseguinte, perfeitamente acessíveis a uma análise semiológica; mas para decidir que o próprio autor (que se mostre, se esconda ou se apague) disponha de 'signos' com os quais salpicaria sua obra, é necessário supor entre a 'pessoa' e sua linguagem uma relação sinalética que faz do autor um sujeito pleno e da narrativa a expressão instrumental desta plenitude: a isto a análise estrutural não pode resolver a si mesma: quem fala (na narrativa) não é quem escreve (na vida) [...]. (idem, p. 50)

Assim, autor é, para Reis e Lopes, a entidade materialmente responsável pelo texto narrativo, é o “sujeito de uma actividade literária a partir do qual se configura um universo diegético² com suas personagens, acções coordenadas, temporais, etc.” (2002, p. 39).

Mikhail Bakhtin também desenvolveu uma discussão acerca da autoria. Em seu texto intitulado *O autor e o herói na atividade estética*³, Bakhtin apresenta a distinção entre o que ele chama autor-pessoa e autor-criador. O primeiro é definido como o escritor, o artista. O segundo é aquele que desenvolve a “função estético-formal engendradora da obra”. Assim, o autor-criador é o que constitui o objeto estético, o que dá forma ao objeto estético, o que sustenta a unidade do texto consumado.

Essa posição estético-formal tem como característica principal a capacidade de tornar material a relação entre herói e seu mundo. Carlos Alberto Faraco (2005, p. 39), ao apresentar um estudo sobre autor e autoria em Bakhtin afirma que:

O autor-criativo é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente. O ato criativo envolve, desse modo, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte: primeiro, porque é um autor-criador e não o autor-pessoa que compõe o objeto estético (há aqui, portanto, já um deslocamento refratado à medida que o autor-criador é uma posição

² O termo **diegese** foi primeiramente utilizado por Gerard Genette em sua obra *Figures III*. Posteriormente, em *Nouveau discours du récit*, o autor considera que o termo é melhor utilizado para designar o universo espaço-temporal no qual se desenrola a história. De acordo com Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (2002, p. 107-108), “o termo diegese fora já utilizado por E. Souriau no âmbito de pesquisas sobre a narrativa cinematográfica: neste contexto, opunha-se o universo diegético, local do significado, ao universo do écran, local do significado fílmico. É exactamente nesta acepção que Genette julga pertinente a transposição do termo diegese para o domínio verbal: **diegese** é então o universo do significado, o ‘mundo possível’ que enquadra, valida e confere inteligibilidade à história.”

³ O texto *O autor e o herói na atividade estética* foi publicado no livro *Estética da Criação Verbal* sob o título O problema do herói na atividade estética.

axiológica conforme recortada pelo autor-pessoa); e, segundo, porque a transposição de planos da vida para a arte se dá não por meio de uma isenta estenografia (o que seria impossível na concepção bakhtiniana), mas a partir de um certo viés valorativo (aquele consubstanciado no autor-criador).

Michel Foucault, ao discutir o conceito de autor, retoma a ideia de Barthes para completá-la. Com a acepção ligada ao papel do discurso na construção do autor, Foucault propõe o conceito de “função autor”, caracterizado pelo modo de circulação, funcionamento de certos discursos no interior de certa sociedade. Para ele, o que deve ser levado em consideração são os modos e as condições de existência social do discurso.

A ideia de que o autor tem uma função no texto remete ao contexto discursivo e também ao contexto do reconhecimento. Ao discursivo por sua relação com o texto produzido, o discurso elaborado. Ao contexto do reconhecimento por ligar-se ao mercado, ao reconhecimento de sua obra, de aspectos estilísticos que marcam a sua obra e que permitem a análise.

É importante entender que a literatura é um fenômeno: fenômeno estético. É uma arte: a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar, mas, secundariamente, ela pode conter história, filosofia, ciência, religião: o literário ou o estético inclui o social, o histórico e o religioso, etc., porém transformados em estético.

A literatura, às vezes, pode servir de veículo de outros valores. O seu valor e significado, no entanto, não residem nesses valores, mas no seu aspecto estético-literário, que lhe é garantido pelos elementos próprios de sua estrutura e pela finalidade específica de despertar no leitor um tipo especial de prazer: o sentimento estético, prazer que não pode ser confundido com informação, documentação, crítica. Não fossem a natureza específica da literatura e o prazer que dela retiramos, as obras literárias não resistiram ao tempo, nem às mudanças de civilização e cultura.

A literatura não é documento. A literatura é monumento. Ela não pretende ensinar, informar ou documentar. Leitor algum deve procurá-la para cumprir essas finalidades: a literatura parte dos fatos da vida e os contém; esses fatos, no entanto, não existem nela como tais, mas, apenas, como ponto de partida. Isso porque a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada pelo espírito do artista e transmitida pela língua para os gêneros; neles, ela toma corpo e nova realidade, passando a viver outra vida: autônoma, independente do autor e da realidade de onde proveio. Isso porque os fatos dos quais ela se originou perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, nascida da imaginação do artista. Agora, portanto, são fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência, pela história ou pelo social.

A verdade estética é diferente da verdade histórica. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades. Essas verdades, no entanto, não podem ser avaliadas pelos mesmos padrões das verdades fatuais. A literatura é vida. A literatura parte da vida. Não se pode admitir conflito entre uma e outra: por meio das obras literárias, entramos em contato com a vida nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque próprias da condição humana. A literatura tem existência própria. Seu campo de ação e seus meios são as palavras e os ritmos, usados não como veículos de valores extra-literários, mas por si mesmos (LAJOLO, 2001).

A literatura participa de uma das propriedades da linguagem: simbolizar. Por meio da simbolização, afirma e nega, simultaneamente, a distância entre o mundo dos símbolos e o dos seres simbolizados. Logo, uma das compreensões possíveis da literatura é que ela é uma situação especial de uso da linguagem. A literatura, linguagem entre as linguagens e código entre códigos, leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: cola o homem às coisas, reduzindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado e, ao mesmo tempo, exprime a artificialidade e instabilidade dessa relação.

Esse fenômeno ocorre diferentemente em diferentes momentos, com tipos diversos de textos e para diferentes pessoas. Não há prescrições: “Toda e qualquer palavra, toda e qualquer construção linguística pode figurar no texto e literalizá-lo. Ou, ao contrário, não literalizar coisa nenhuma (...)” (LAJOLO, 2001, p.35-36)

A literatura não se configura pelo uso de um ou de outro tipo de linguagem. A linguagem, qualquer que seja ela, não anula e nem provoca o literário. O que caracteriza um texto como literário ou não-literário é a relação que as palavras estabelecem com o contexto e com a situação de leitura. Logo, a condição *sine qua non* para que qualquer linguagem se torne literatura ou não-literatura é a situação de uso. A literatura acontece quando, mediados por um texto, autor e leitor suspendem a convenção do momento, fecundando-a.

Quando falamos em produção textual, de narrativa, é importante não perdermos de vista o que na prosa de ficção vamos chamar de narrador. O autor, escritor, ao assumir a máscara de um terceiro que narra, delega a direção da narrativa para alguém (o narrador ou o sujeito da enunciação). Na criação poética, ocorre fenômeno semelhante: quando o escritor-poeta pretende traduzir em palavras os conteúdos de sua imaginação, está cedendo a outra voz a direção do ato criador. Logo, é o “eu” poético e não o autor, o autor-civil ou o autor-poeta que é o narrador ou sujeito da enunciação. Enfim, o “eu” poético é um personagem ficcional criado pelo autor-poeta para expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções. A teoria da narrativa fala em elementos fundamentais do texto narrativo, ela se refere aos personagens, tempo, espaço, enredo e foco narrativo.

O foco narrativo é um elemento ficcional como os demais elementos essenciais da narrativa, criado pelo autor, para conduzir a apresentação dos fatos que constroem o enredo, sucessos e ações vivenciados pelas personagens. Isso significa que narrador não é sinônimo de autor. Este é o elemento civil que assina o texto. O narrador, por sua vez, é o elemento ficcional, criado pelo autor, para narrar os acontecimentos que compõem a história apresentada por uma novela, conto ou romance. Reis e Lopes (2002, p. 257) consideram que

Se o **autor** corresponde a uma entidade real e empírica, o **narrador** será entendido fundamentalmente como o **autor textual**, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o **discurso**, como protagonista da **comunicação narrativa** (grifos do autor).

A entidade que toma a palavra numa narrativa, conforme já se afirmou anteriormente, é tão fictícia quanto a personagem de quem narra as peripécias. Trata-se, portanto, de um sujeito com existência textual, assim como o é a personagem de quem ou sobre quem fala e o narratário, a pessoa a quem o narrador se dirige.

Confundir o narrador com o autor seria ignorar que aquele é uma invenção deste, que pode projetar sobre aquele atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc. que defende, mas isso não significa que o faça de forma direta e linear. Ao contrário, recorre, para isso, a estratégias ajustadas à representação artística dessa atitude, como por exemplo a ironia.

As funções do narrador não se limitam ao ato de enunciação que lhe é atribuído: protagonista da narração, ele é detentor de uma voz. Essa voz pode ser observada em nível do enunciado, por meio de vestígios mais ou menos discretos de sua subjetividade, articuladores de uma ideologia ou de uma simples apreciação particular acerca dos eventos relatados e das personagens consideradas.

Oscar Tacca (1983, p. 36) assinala: “Toda a obra pertence, em princípio, a um autor. É ele, em primeiro lugar, quem dá a cara. Assume a palavra, a autoria, o relato. Identifica-se com o narrador, mas é mais do que isso”. Assim as funções e lugares do autor e do narrador devem estar bem claras ao se propor a análise de um texto narrativo, seja ele literário ou audiovisual, já que, muitas vezes, o autor pode assumir graus diversos de subjetividade ou objetividade. Isso será definido pela sua intenção.

A NARRATIVA

A finalidade, aqui, é desenvolver questões mais gerais da narrativa, no qual buscaremos conceituar esse gênero literário, expor seus elementos fundamentais e evidenciar as características do conto; A narrativa para crianças e jovens, aspectos

teórico-pedagógicos, a vinculação dos textos com a faixa etária das crianças e adolescentes, nos quais se intenta desenvolver o gosto pela leitura.

A narrativa: elementos estruturais

A narrativa são organizações de acontecimentos reais ou imaginários, que abrange inúmeras classificações, tais como: O mito, a lenda, a fábula, o conto, a novela, as epopeias, a história, a tragédia, o drama e a comédia são narrativas. As narrativas podem utilizar a linguagem oral ou escrita, a imagem fixa ou móvel, o gesto ou a mistura de todos esses elementos: quando falamos em narrativa, não estamos nos referindo apenas ao texto oral ou escrito, mas também a outras linguagens que podem representar pensamentos, significados, conceitos e ideias.

A narrativa está tão visceralmente ligada à nossa vida cotidiana que, às vezes, não percebemos sua existência, mesmo havendo, em função de diferentes substâncias, uma grande variedade de gêneros, a sugerir que todo e qualquer assunto pode dar origem a uma narrativa. Até nossa identidade é narrativa. Parece mesmo que o mundo é uma grande narrativa. De acordo com Gancho (2003, p. 6), narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem.

As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares), transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a Bíblia – livro que condensa história, filosofia e dogmas do povo cristão - compreende muitas narrativas: da origem do homem e da mulher, dos milagres de Jesus etc. Modernamente, poderíamos citar um sem-número de narrativas: novela de TV, filme de cinema, peça de teatro, notícia de jornal, gibi, desenho animado [...] Muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou verso, usando imagens ou não.

A capacidade de narrar é um aspecto imanente dos seres humanos. Estamos frequentemente narrando acontecimentos ou contando eventos de que participamos, assistimos ou tudo que ouvimos falar. Uma narrativa representa **uma exposição de fatos com** uma sequência de acontecimentos interligados, que são transmitidos em uma estória. As estórias sempre reúnem aqueles que as narram e aqueles que as ouvem, leem ou assistem. Quem narra, por sua vez, “escolhe o momento em que uma informação é dada e por meio de que canal isso é feito” (PELLEGRINI, 2003:64).

O Tocantins

O Tocantins pode ser visto como um estado em busca de identidade, um estado entre fronteiras. Segundo Póvoa, etimologicamente Tocantins significa em tupi, “nariz grande”, a expressão designava uma tribo dessa região, que habitou as margens do rio.

Significa em tupi, grafado tu' ka tim, 'bico de tucano, nariz de tucano', em referência ao nariz aquilino dos indígenas dessa tribo.

Geograficamente, o rio Tocantins nasce no estado de Goiás, e banha os estados de Tocantins, Maranhão e Pará, até chegar à foz do rio Amazonas, onde desemboca. Suas nascentes são localizadas entre os municípios de Ouro Verde de Goiás (ao sul do córrego à direita), Anápolis (ao leste do córrego à direita) e Petrolina de Goiás (ao norte e ao oeste da nascente do córrego à direita).

Após a união dos rios Maranhão e Paranã, entre os municípios de Paranã e São Salvador do Tocantins, ambos localizados no estado do Tocantins, passa a ser chamado efetivamente de rio Tocantins. Durante a época das cheias, seu trecho navegável é, aproximadamente, de 2000 km, entre as cidades de Belém – PA e Lajeado –TO. O Tocantins é o segundo rio totalmente brasileiro. O primeiro rio é o São Francisco um dos mais importantes cursos d'água do Brasil e de toda a América do Sul. O rio também atravessa o estado da Bahia, fazendo sua divisa ao norte com Pernambuco, bem como constituindo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas, e, por fim, deságua no Oceano.

A história da formação do estado.

O estado do Tocantins se deu após uma luta de quase um século, A Conorte apresentou à Assembleia Constituinte uma emenda popular com cerca de 80 mil assinaturas como reforço à proposta de criação do Estado. Foi criado a União Tocantinense (união supra- partidária) e o Comitê Pró-Criação do Estado do Tocantins, com objetivo de conscientização política em toda a região norte para lutar pelo Tocantins.

O deputado Siqueira Campos foi um dos percussores do Tocantins, ele redige e entrega a fusão de emendas criando o Estado do Tocantins que foi votada e aprovada respaldada no artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição, em 05 de outubro de 1988, nascia o Estado do Tocantins. foi escolhida como capital provisória a cidade de Miracema do norte, que no dia 1º de janeiro de 1989 foi instalado o Estado do Tocantins e empossados o governador, senadores, deputados federais e estaduais. Através de um decreto foi mudado o nome de algumas cidades com a terminações “ do Norte” para “ do Tocantins” como por exemplo Miracema do Norte para Miracema do Tocantins.

No dia 5 de outubro de 1989, foi promulgada a primeira Constituição do Estado, feita nos moldes da Constituição Federal. Foram criados mais 44 municípios além dos 79 já existentes. Atualmente, o Estado possui 139 municípios.

A construção de Palmas

Esta capital recebeu o nome de Palmas em homenagem a luta de Joaquim Teotônio Segurado, o qual a mais de um século já lutava pela criação do Estado e também pela grande quantidade de palmeiras na região. Palmas a mais nova capital planejada do país Foi construída, no centro geográfico do Estado, numa área de 1.024 Km2 desmembrada do município de Porto Nacional. Foi fundada em 20 de maio de 1989 para ser a sede do governo estadual. Por falta de estrutura física para sediar o governo estadual, a capital esteve provisoriamente na cidade vizinha de Miracema do Tocantins, na qual somente em 1º de janeiro de 1990, Palmas passou a ser a capital do Tocantins.

A população de Palmas segundo o IBGE de 2016, chega aos 279.856 habitantes, sendo a maior cidade do estado do Tocantins, é também a última cidade do século XX completamente planejada, pois foi criada de forma semelhante a de Brasília. Tal semelhança na qual está caracterizada e estruturada em dois eixos demarcados por duas grandes avenidas, Av. JK, sentido leste-oeste e Av. Teotônio Segurado, sentido norte e sul, tendo endereços com os pontos cardeais, preservação de áreas ambientais e a forma de migração dos construtores para esta cidade.

De onde vieram os habitantes de Palmas?

Palmas por ser uma cidade planejada contém um fenômeno migratório em um contexto relevante, semelhante ao de Brasília a capital do Brasil, onde desperta o interesse de pessoas de várias regiões do Brasil, desde intelectuais a servidores braçais para a construção civil, comerciantes, aqueles que almejam empregos públicos e outros envolvidos no processo de construção desta capital. O índio também compõe a população de Palmas, pois o estado porta sete etnias (Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, krahô Canela, Apinajé e Pankararú), totalizando aproximadamente 10 mil índios, distribuídos em 82 aldeias.

Pelas ruas da capital existe uma mistura de cidades e regiões, ou seja, Palma ainda está em busca de sua identidade. O fluxo migratório é responsável pelo aumento de número de habitante do estado e desta capital. Dardel (2011) ressalta que o “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1-2). O que acontece nesta capital, não é diferente, em que as pessoas veem atraídas por oportunidades de trabalho, e pelo desenvolvimento econômico e social, passa a contribuir de forma involuntária para o processo de formação da identidade de Palmas.

Palmas, que é uma das cidades que mais cresceu nos últimos anos. O município tinha 228.332 habitantes no último Censo (2010). Isso coloca o município na posição 1

dentre 139 do mesmo estado. Segundo IBGE de 2014 na pesquisa sobre “população residente no Tocantins que são de outros estados” revela que a população de Palmas e do estado vieram em grande parte dos estados vizinhos, estando em primeiro lugar o estado do Maranhão com 134 mil em segundo lugar o Goiás com 99mil e em terceiro lugar o estado do Piauí com 42 mil, ficando em quarto lugar o estado do Pará com 40 mil. Portanto estas pessoas vem atraídos por oportunidades de trabalho, e pelo desenvolvimento econômico e social, que o Tocantins e a capital apresenta.

Estas produções de referências identitárias influenciam em nossa forma de concebermos nossos espaços. Dardel (2011) já nos orientou nesse sentido quando afirmou que o “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1-2). O existir implica numa estreita relação com o lugar e influencia em nossa identidade a partir de nossas experiências. Por isso torna-se importante analisar como as pessoas existem no lugar, que sentidos e significados elas atribuem ao pertencer a uma dimensão espacial com a qual estabelecem trocas, constroem relações e vivem o cotidiano.

IRMA GALHARDO

Irma Galhardo é escritora, cordelista e contadora de histórias. Referência na literatura infantil tocantinense, tem cinco livros publicados e vários prêmios por editais. É membro da Academia Palmense de Letras no Tocantins, membro correspondente de algumas Academias de Letras do Brasil/Suíça e já participou oficialmente de Salões do Livro na Suíça e na Itália.

Irma Galhardo é graduada em Direito com registro na OAB, especialista em História da África e do Negro no Brasil e em Docência do Ensino Superior. É membro da Academia Palmense de Letras e membro correspondente da Academia de Letras do Brasil/ Suíça, Academia de Letras de Araraquara-SP, Academia de Letras, Música e Artes de Salvador-BA e Academia de Artes de Cabo Frio-RJ. Tem cinco livros publicados, dez prêmios em editais de cultura e participação oficial no 27º e 28º Salão do Livro e da Imprensa de Genebra e Salão Internacional do Livro de Turim 2014. Irma Galhardo publica seu primeiro livro “Epopéia Tocantinense” em 2011.

Epopéia Tocantinense

A Epopéia Tocantinense nasce pela percepção da autora sobre a ausência de registro em literatura infantil sobre a falta sobre a história do estado e cultura tocantinense. É uma poesia livre de fácil entendimento, cujo Núcleo central é a História do Tocantins.

O enredo desta poesia desenvolve em torno da História e cultura do estado do Tocantins, desde a descoberta do rio Tocantins em 1610, por uma expedição chefiada pelo Francês Monsieur de La Blanjartier, a luta centenária pela divisão do estado, fundação dos primeiros Arrais originados pela busca do ouro, a presença dos Jesuítas e os portugueses, a presença de várias etnias indígenas e suas culturas, a criação da comarca do norte tendo como ouvidor Joaquim Teotônio Segurado, até a criação do Estado em 1988 e a história de Palmas.

A autora apesar de não ser tocantinense vive hoje no Tocantins, onde vivenciou momentos históricos deste estado e também teve contatos direto com a população infantil e jovem. Tais experiência inspirou a mesma a compartilhar de forma literária transformando a história de forma imaginária para o real em forma de poesia épica, levando conhecimento da história e cultura do próprio habitat da criança tocantinense.

Irma Galhardo escreve sobre o Tocantins em forma de epopeia onde relata a história do Tocantins em uma ordem cronológica bem definida e detalhada, começando em 1610 com a descoberta da foz do rio Tocantins, iniciada pela exploração na região norte do Brasil pelos pesquisadores franceses. A autora faz uma viagem de tempo e espaço implementado dados históricos e culturais para melhor compreensão da população infantojuvenil.

Resumo da história.

Em 1610 foi descoberto a foz do rio Tocantins, com 2.400 quilômetros sendo que uma grande parte navegável, se classificando como o segundo maior rio totalmente brasileiro. Fatos culturais como A religião trazida pelos Jesuítas, a busca pelo ouro pelos imigrantes, se misturam com a cultura do povo indígena que ali já habitavam, destacam os Krahôns com a lenda milenar da Machadinha, Apinajé, Javaé, xambioá, Karajá, Xitxocô, Xerente, Akwê e outros, cada tribo com sua cultura.

Em 1909 foi criada a comarca do norte, onde D. Pedro nomeia o ilustre Joaquim Teotônio Segurado que em 1815 funda a Vila de São João das Palmas, o qual já pensava que a divisão trazia a autonomia que consolidava o crescimento e desenvolvimento de uma região. Cria-se o movimento separatista e jornais com espírito libertador, fortalecer a divisão do norte goiano. O brigadeiro Lysias Rodrigues conhecedor da nação por “terra, água e mar” voltar a confirmar que a divisão desta região resulta em somar. Em 1967 com a nova constituição na presidência de Castelo Branco o movimento separatista reforça o mesmo argumento, chegando a criar



o hino do novo estado. Em 1981 em prol do objetivo comum, oitenta mil assinaturas comoveu político a atender a voz do povo, dentre prisões e greve de fome Siqueira Campos consegue em um só dia a tão sonhada ementa que aprova a divisão do estado de Goiás onde nasce o estado do Tocantins, mas só em 1988 que oficialmente surge o estado do Tocantins para que todo norte goiano pudesse assim contemplar e para fortalecer a divisão do norte goiano.

O segundo capítulo da história centenária foi a sua própria constituição para a regularização dos 139 municípios, no qual se elege a cidade de Miracema como capital provisória. Nasce do meio da mata, no centro geodésico do país a nova capital totalmente planejada, assim como Brasília a capital do país.

O novo estado agora pode ressaltar com orgulho seu multiculturalismo e suas riquezas como: O rio Azuis que é o menor do mundo, situado a menos de trezentos metros da nascente até a foz, o paradisíaco Taquaruçu, “as terras de São Domingos”, que o rei D. Pedro II se dignou a doar, a igreja de Natividade (patrimônio histórico Cultural), temos a flora e a fauna amazônica, um lago que contorna a capital, o famoso Jalapão. Cultura típica do Tocantins são: o artesanal feito com o capim dourado, quebradeira de coco, a fava de bolota, a dança da Jiquitaia.

O Tocantins depois de tanta luta, hoje já aponta um futuro promissor, começando seu progresso com biodiesel, energia, turismo, Educação exemplar para o país, As personagens desta obra podem ser classificadas como heróis, pois enriquece o enredo com sua bravura e perseverança para conquistar seu objetivo alvo. Podendo também destacar os índios que muito contribuiu para a cultura.

Tema

O tema abordado que incorpora esta obra literária é um registro da história do Tocantins e sua cultura. Tema bastante polêmico, no qual envolve aspectos políticos, sociais, culturais, psicológico e econômico de um estado novo. História marcante que envolve a população tocaninense numa corrida em busca da identidade do seu próprio estado, almejando uma vida social melhor para todos.

Este tema reforça na leitura a possibilidade de inserção na cultura Tocantinense, trazendo ao leitor um grande conhecimento do lugar onde mora, como também melhor compreensão dos tempos atuais, contribuindo com a formação de cidadão crítico.

O Pirarucu encantado

O Pirarucu Encantado é uma narrativa de ficção do gênero Folclore, por ser baseada em crenças difundidas, na qual tem uma transmissão popular, ou seja, de boca em boca. A autora registra através linguagem escrita o que era apenas uma linguagem

falada. Preservar o folclore tocantinense e uma preocupação da autora, então mostra através da literatura infantil os fragmentos desta cultura, que com o tempo vem se perdendo.

Esta é uma obra literária muito rica, por ser destinada as crianças que já sabem ler palavra e também para aquela que ainda leem apenas imagens. A capa do livro infantil é o primeiro chamado para a leitura, não só a capa como toda obra possuem os recursos lúdicos e a forma artística que chama a atenção da criança ressaltando os olhos, transladando direto ao imaginário, fazendo com que a mesma identifique e participe através da imaginação transportando pela as imagens para o seu próprio mundo real.

Imagens

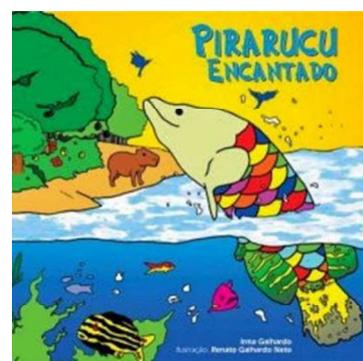
Realizar competentemente a leitura de imagens não é bem complexo, porque exige experiência, sentimentos e as capacidades de ver o visível e, também, o invisível. Ao observar esta obra literária percebe se que a autora cumpre os requisitos necessários para uma “alfabetização visual”, pois a interpretação das imagens envolve aprendizagem, permanente exercício e capacitação do observador (COSTA, 2009).

Lima (2008, p. 76) complementa esse pensamento a respeito das contribuições das ilustrações à formação de um bom leitor, salientando que, além disso, as imagens possibilitam a ele “reconstruir o passado, refletir o presente, imaginar o futuro ou criar situações impossíveis no mundo real”. Então, percebe-se que a leitura eficiente de imagens também é promotora de ricos conhecimentos, por isso proporcionando o desenvolvimento do sujeito.

Análise do texto **O Pirarucu Encantado**

Segundo Peter Hunt a criança é um leitor em formação e com vivências limitadas por força da idade. Portanto, o texto deve ser adequado à competência linguística da criança para ler os signos, tanto quanto às suas experiências de vida.

Ao analisar O livro “O Pirarucu Encantado” constata se que o mesmo contém poucas páginas, letras graúdas no formato caixa altas e também harmonia com as cores das ilustrações, espaçamento correspondente com uma linguagem de fácil entendimento, ou seja, tudo combinando com a maturidade do leitor. Portanto esta obra literária tem requisitos suficientes para que a criança caia na toca do coelho, assim como Alice no país das Maravilhas.



Resumo

Esta é uma interessante história sobre o peixe que se transforma em um lido rapaz, baseada no folclore tocantinense. O enredo discorre através de uma lenda desta região que ao sair para pescar em noite de lua cheia pode encontrar um peixe grande que salva pessoas. Este peixe se chama Pirarucu que repousa no fundo do rio. O pirarucu existe para alegrar as pessoas em perigo de afogamento.

Ao amanhecer o peixe sai para nadar e se transforma em um lindo homem, mas ao pôr do sol ele perde o encanto e vira peixe novamente. Porém quando está encantado ele é charmoso e jovem. Gosta muito de dançar nas festas da cidade, pois dança todos os tipos de música e muito bem, depois some por muito tempo, porém deixa as moças grávidas e só volta novamente quando seus filhos já estão adultos.

Características dos personagens

A personagem é o coração de uma história. Na obra literária “O Pirarucu encantado” o peixe pirarucu é o personagem principal da história, que se destaca como o protagonista, no qual tem o papel de herói por salvar pessoas no rio, mas pelo recurso do folclore o peixe passa a ser um coadjuvante, quando se transforma em um rapaz lindo que engana e seduz as moças da cidade. O personagem passa a ser o trapaceador de má índole.

As personagens coadjuvantes desta obra literária são as moças das festas das cidades, que se apaixonavam pelo peixe encantado. Os personagens figurantes que ajudam a enriquecer este cenário são: os pescadores de noites de lua cheia, as pessoas afogadas que foram salvas pelo Pirarucu Encantado. Tais personagens também foram importantes no cenário, por contribuir com o desenvolvimento da história.

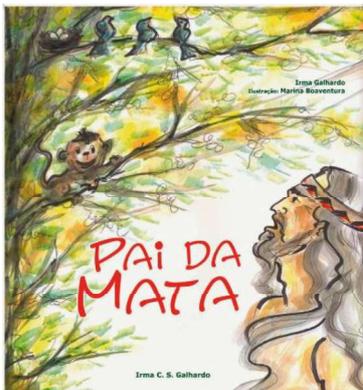
Espaço e tempo da narrativa

A história do Pirarucu Encantado acontece por volta de quase cem anos atrás, onde a autora cita que o Personagem “some por completo nunca mais até ter neto”. Como também pelo fato de ser um folclore. Esta história discorre nas margens de algum rio de grande porte no estado do Tocantins, Pois a autora usa os recursos textuais como também da linguagem visual, na qual está representada pelo peixe Pirarucu que é típico da bacia Amazônica e existe aqui no Tocantins, como também as imagens da Fava de Bolota, capivara, arara azul, piranha e as festas do interior com fogueiras.

Tema abordado

O tema desta obra literária infantil foca no conhecimento do folclore tocantinense que pode ser usado para que a criança tocantinense ajudar na preservação do seu próprio folclore. Outra vertente é a preservação e conhecimento da própria cultura. Contribuído para tornar-se um pequeno leitor crítico para nossa sociedade.

Analise do livro Pai da Mata



O Pai da Mata é um livro conduzido por poema narrativo do gênero lenda, no qual a fantasmagórica é transmitida pela tradição oral através dos tempos. Irma Galhardo registra esta história oral para a linguagem escrita direcionada ao público infantil, através da poesia. A fim de que a fantasia da criança chegue ao imaginário. Levando a criança o poder de participar da história a partir da sua própria imaginação. Portanto esta obra oferece recursos que desperta a imaginação da criança.

A história que por sua vez dirige ao leitor visual como também ao leitor ouvinte, a sua própria capacidade de percorrer caminhos, para entender a correlação do personagem de etnia indígena com os habitantes que estão entre nós, ou seja, comparar o imaginário com o real. Em tese, uma boa obra literária é aquela que apresenta a realidade de forma nova e criativa, deixando espaço para o leitor descobrir o que está nas entrelinhas do texto.

Esta obra literária aborda recursos enriquecedores para trabalhar de forma pedagógica, lúdica e prazerosa, o tema “poesia”. Há um desejo grande de todos os envolvidos na educação de que a criança entre na leitura pela porta do prazer, entretanto, temos como objetivo que ela conquiste na leitura uma consciência da sua própria humanidade, e é por isso que consideramos a leitura algo tão importante, como nos diz Cândido, a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver. (CÂNDIDO, 1972, p. 806). Ao pensarmos na leitura como um hábito disponível a qualquer um que a faça todos os dias tiramos dela a potência transformadora, porque tiramos dela a possibilidade de encontro com a nossa consciência. Acredito que precisemos sim, estimular os nossos alunos a lerem sempre, mas precisamos, antes, ter nos tornado mais humanos pelas leituras que fizemos, precisamos ter consciência do ato de ler antes, muito antes de ensinar os nossos alunos a terem o prazer.

A autora que sabe conduzir este difícil e complexo ato de uma literatura infantil. Uma boa obra literária é aquela que apresenta a realidade de forma nova e criativa, deixando espaço para o leitor descobrir o que está nas entrelinhas do texto.

O livro “O pai da Mata” se destaca por ser um livro de fácil entendimento. Sabemos que quanto menores as crianças, mais requer ilustrações, textos curtos e vocabulários simples. Portanto Irma Galhardo valida estes requisitos em sua obra “O pai da Mata”, com muita sutileza e profissionalismo, onde a autora usa duas páginas para a representação da linguagem visual com a linguagem escrita. As imagens em movimentos enriquecem as ações dos personagens. A obra esboça textos curtos com os elementos que poesia oferece principalmente a rima que já faz parte do mundo infantil. Resultando ainda um vocabulário ao nível da faixa etária da criança, onde expectativa e mistério são essenciais nesta fase (2 a 6 anos).

A narrativa para crianças, além de ter características peculiares como a dramatização e a movimentação, há que se levar em conta a adequação da obra a idade da criança como bem coloca Cunha (1990). Para esclarecer esta questão Mara(2001) apresenta cinco diferentes fases de leitura apontadas por Shliebe Lippert e A. Beinlich, citados por Bamberger: pensamento mágico –2 aos 5 ou 6 anos de idade; fantasia -5 aos 8 ou 9 anos; histórias de aventuras 9 aos 12 anos; Apresenta todas estas sugerindo leituras próprias para cada uma, mas orienta também que se tratam apenas de indicadores, visto que se desconsideram as características e o desenvolvimento individuais, bem como o sexo, também apresentado como possibilidade de determinação dos interesses de leitura.

Resumo da história

Dentre as muitas as produções humanas em busca da compreensão da origem do universo e da vida estão as lendas, encontrados em todas as culturas do mundo e perpetuados ao longo dos tempos. Este livro traz uma lenda que apresenta diferentes olhares a respeito da preservação da natureza e a cultura indígena.

Pai da Mata é um livro que relata através da poesia uma lenda. de um pajé bem velho, que por estar muito cansado resolveu morar sozinho. Isolou da aldeia e decide a ser o protetor da mata. Então começa a perseguir os devastadores de floresta e proteger os animais, proteger a mata contra incêndios e castigar todos os que tentam destruir a natureza.

Seus cabelos cresceram tanto que servia de proteção para seu corpo. Ao ficar furioso, recebia poderes de uma força brutal, que destruía motosserras, ao ver o grande mistério, os devastadores da mata se assustavam e corriam desesperados. Usa seus mistérios de pajé, para destrança suas tranças e neste momento pensa como criança e assim como criança luta pela justiça exigindo mudanças a favor da natureza.

O pajé em sua cultura acredita que “quem faz o bem recebe o bem”, portanto se alguém tentar lhe fazer algum mal, nada o atingirá, porque ele ao fazer o bem-estará

sempre protegido do mal. O Pai da mata acredita que só não morreu ainda porque ele não mata. Em contrapartida tem também seus misteriosos e longos cabelos que serve como escudo e laço. Estes tipos de proteções são bons, porque não precisa usar os braços. Ele é tão bondoso e agradecido que prefere usar os braços para dar um abraço em quem ajuda a ele a proteger a natureza.

Características dos personagens

No livro “O pai da Mata” o personagem principal é um velho pajé que se chama “Pai da Mata” nome este que faz jus a suas ações,

O Pai da mata e o personagem principal da história, no qual se classifica como herói por defender a natureza, ele é um revolucionário da tribo por discordar com algumas coisas da sua cultura como, por exemplo, matar animais. Um homem bondoso, justiceiro e protetor, portador de grande sabedoria e mistérios, tem seus próprios ideais. Não satisfeito com a tribo resolve sair da tribo para proteger a natureza e os animais de forma mais humana.

Os personagens coadjuvantes são os devastadores de florestas que derrubam as árvores da mata com motosserras,

Os personagens coadjuvantes são os devastadores de florestas que derrubam as árvores da mata com motosserras, eles são pessoas que não tem consciência do desequilíbrio ecológico. Outro fator que leva estes personagens a praticar estas ações são o poder econômico e a falta de conhecimento. Temos como personagem figurante os índios da tribo e as pessoas boas que ajudam o pajé a proteger a mata.

Espaço e tempo da narrativa

O enredo se passa em uma época não determinada, provavelmente desde os tempos que os colonizadores portugueses descobriram o pau Brasil, até os dias de hoje, pois fatos semelhantes estão acontecendo. Por ser uma lenda uma narrativa fantasiosa transmitida através dos tempos sem registro escrito, podemos calcular que esta história é muito antiga que vem de nossos antepassados.

Esta história se passa na mata, quando o personagem Pai da Mata, decide abandonar a aldeia e morar em qualquer lugar na mata, como diz a lenda ele é um espírito do bem e por intermédio de seus mistérios, ele está em todos os lugares.

Tema abordado

Esta é uma obra que aborda através da lenda, diferentes olhares a respeito da preservação da natureza, proveniente da cultura indígena e aqueles que lutam pelo equilíbrio do universo, como também aqueles que agredem a natureza. Outra vertente

é mostrar este elo de natureza e sociedade e seus valores, tal como “quem faz o bem recebe o bem”.

CONSIDERAÇÕES

O tema principal é levar as crianças tocantinenses, a história do seu próprio estado através da literatura infantil por meio das lendas. Os recursos da poesia que ajudam a enriquecer esta obra. O que mais impressiona nesta obra é modo em que a autora leva o conhecimento sobre a cultura do estado de forma atual em uma linguagem infantilizada. A riqueza simbólica deste texto faz destes livros uma ótima opção de leitura para crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Campo intelectual e projeto criador**. Trad. Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean et. al. **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

BUSCOMBE, Edward. Ideias de Autoria. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica**. vol. I. São Paulo: SENAC, 2004.

CADEMARTORI, L. O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. O que é literatura infantil? São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).

COMPAGNON, Antoine. O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **Qu'est-ce qu'un auteur?** Disponível em: <<http://www.fabula.org/cours.php>>, acesso em 16 de março de 2009.

DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2005.

FORMAÇÃO ONLINE. **Experiência, identidade e a criação do Tocantins**. Jean Carlos Rodrigues. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/827/1085>>. Acesso em 19 mai 2017.

FORMAÇÃO ONLINE. **Experiência, identidade e a criação do Tocantins**. Jean Carlos Rodrigues. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/827/1085>>. Acesso em 19 mai 2017.

GOVERNO DO TOCANTINS. **Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura**. Tocantins História. Disponível em < <http://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/tocantins---historia/l-criacao-do-estado-do-tocantins---1988/>> Acesso em 03 mar 2017.

HEATH, Stephen. Comentário sobre “Ideias de Autoria”. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica**. vol. I. São Paulo: SENAC, 2004.

HUNT, P. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosacnaif, 2010.

IBGE. **Brasil Tocantins Palmas**. População. Disponível em<<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/to/palmas/panorama>> Acesso em 02 jun. 2017.

JORNAL DO TOCANTINS. **Tocantins é 8,9% maranhense, 6,5% goiano e 2,8% piauiense** - Disponível em: <<http://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/noticias/economia/tocantins-%C3%A9-8-9-maranhense-6-5-goiano-e-2-8-piauiense-1.997302>> . Acesso em 21 mai 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LIMA, Graça. Lendo Imagens. In: INSTITUTO C&A; FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 36-43.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2001.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Lopes. **Dicionário de Narratologia**. 7. ed., Coimbra: Almedina, 2002.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8. ed., Coimbra: Almedina, 1992.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: Almedina, 1983.

TOCANTINS. **História**. Disponível em: <<http://www.brasilchannel.com.br/estados/index.asp?nome=Tocantins&area=historia>>. Acesso em 19 mar. 2017.

VANOYE, Francis; GOLIOT-L'ÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 3. ed., 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 20 de agosto de 2017.
Aceito em 16 de setembro de 2017.